

COMO PRATICAR A HISTÓRIA DAS EMOÇÕES

How to practice the history of emotions

Barbara H. Rosenwein
Professora Emérita da Universidade Loyola, Chicago
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1951-2797>
E-mail: brosenw@gmail.com
Tradução: Gabriel Castanho

Recebido em: 23/03/2023

Aprovado em: 25/04/2023

Resumo:

A história das emoções (que começou nos anos 1940, podemos dizer) se tornou um campo de estudos sério apenas no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. O campo depende de uma nova visão a respeito das emoções; visão essa que nega sua universalidade. Todos os seres humanos possuem o potencial para sentir, mas as emoções específicas (que são reconhecidas, valorizadas e desvalorizadas), bem como os modos pelas quais elas são expressadas, dependem de normas culturais que mudam ao longo do tempo. Atualmente existe uma abundância de metodologias que os historiadores empregam para pesquisa a história das emoções. Esse artigo busca esclarecê-las e sugerir caminhos específicos pelos quais elas podem se adequar a diferentes tipos de questões históricas.

Palavras-chave: Emoções; História das emoções; Historiografia das emoções.

Abstract:

The history of emotions, which may be said to have begun in the 1940s, became a serious field of study only in the late 1990s and early 2000s. The field depends on a new view of emotions that denies their universality. All human beings have the potential to feel, but the particular emotions that are recognized and valued and devalued, and the ways in which they are expressed, depend on cultural norms that change over time. By now there are a welter of methodologies that historians use to research the history of emotions. This paper seeks to clarify them and to suggest the particular ways in which they suit different sorts of historical questions.

Keywords: Emotions; History of emotions; historiography of emotions.

Se você é um historiador, você provavelmente já escreve sobre emoções em seu trabalho, mesmo se acha que não conhece muito do assunto. Historiadores sempre fizeram isso, seja para apimentar sua prosa, seja para apresentar um julgamento moral sobre uma pessoa ou um grupo. Esse foi o caso, quando, por exemplo, André Vauchez, tratando das mudanças na natureza das práticas penitenciais no Ocidente medieval entre os séculos VIII e XIII, tornou sua prosa mais viva por meio de palavras emotivas. Por que certas formas de penitência deixaram de ser baseadas em contrições públicas praticadas uma vez na vida e passaram a ser fundadas em confissões privadas frequentes? No período carolíngio, quando essa mudança começou a acontecer, “os fiéis, vivendo mal e orando pouco, eram esmagados por um sentimento de culpa do qual só podiam esperar libertar-se na hora da morte. Assim, acolheram com alegria a possibilidade de obter a absolvição a cada vez que o desejassem, pela confissão e expiação de suas faltas.” (VAUCHEZ, 1995, p. 21). “Esmagados por um sentimento de culpa”; “acolheram com alegria [a absolvição]”: Vauchez não possuía fontes primárias carolíngias que relatavam esses sentimentos. Mais do que isso, ele atribuiu aos fiéis algumas emoções que ele e seus leitores davam como certas, tendo em vista suas concepções a respeito de como os medievais *devem ter* sentido.

Atualmente, historiadores da emoção não se satisfazem mais em atribuir, por meio da intuição, certas emoções às pessoas que viveram no passado. Se você for um historiador assim, então, como você deve se lançar no estudo daqueles que optaram pela penitência privada? Como você deve estudar as emoções de um pequeno grupo (digamos, os monges) dentro daquela cultura mais ampla? Ou ainda, como você deve estudar as emoções de contrição antes ou depois do período carolíngio?

Antes mesmo de responder essas questões, contudo, uma questão deve ser enfrentada. POR QUE, afinal de contas, preocupar-se em estudar as emoções? Historiadores menos “experimentais” irão, de fato, se perguntar por quê. Eles dirão: emoções não possuem história, pois elas são universais em todos os tempos e espaços. E mesmo se elas *são* históricas, elas são tangenciais à história real: história dos atos (exploração, movimentos de massa ou batalhas).

Muitas são as respostas para essas objeções, então mencionarei apenas duas. (1) O estudo realizado por Paul Ekman e Wallace Friesen (1971), um texto muito citado e que

supostamente teria provado que algumas poucas emoções “básicas” seriam universais, possui falhas importantes. Esses pesquisadores defendiam (e muitos desde então continuam a defender) que certas expressões faciais demonstram emoções e, por isso, são reconhecidas universalmente. Eles defendem que essas emoções expressadas pela face são básicas e compartilhadas por toda a humanidade. Mesmo em culturas onde tais expressões foram suprimidas, elas acabam “escapando” inconscientemente. Em suma, as emoções estão na cara (MATSUMOTO; HWANG, 2011). Essas ideias já foram fortemente desacreditadas; de modo mais completo por Ruth Leys ao analisar as técnicas e os pressupostos existentes por trás do experimento de Ekman e Friesen (LEYS, 2017). Elas também foram completamente refutadas por neurocientistas que defendem que as emoções básicas não existem; na verdade, o que chamamos “emoções” foram construídas psicologicamente por meio de experiências de vida (BARRETT; RUSSELL, 2015). (2) Atualmente, uma pequena montanha de pesquisa histórica tem mostrado que as emoções, de fato, mudam com o tempo e que as emoções são tanto moldadas quanto moldam processos históricos. Até mesmo historiadores sem interesse particular pelas emoções não podem negar que essa montanha de emoções que mudam ao longo da história tanto existe quanto convida a ser explorada.

Agora você está pronto para escalar essa pequena montanha, mas você ainda não possui caminho ou método. O propósito deste artigo é traçar o contorno das principais abordagens que os historiadores das emoções têm empregado e indicar alguns dos problemas históricos para os quais seus métodos foram especialmente desenhados a lidar. O artigo foi pensado para ser um guia prático e curto de como se tornar um historiador das emoções.

O primeiro passo é simples: você deve recolher as fontes que tratam do seu tema. Isso irá determinar amplamente a abordagem que você deverá empregar. É provável (embora seja hipotético) que o historiador Peter Stearns e a psiquiatra Carol Z. Stearns – autores que cunharam o termo “emocionologia” para nomear os padrões de mudança na conduta e na performance emocionais – não tenham começado seus estudos pretendendo escrever uma “história das emoções” (STEARNS; STEARNS, 1985). Ao invés disso, eles provavelmente pretendiam observar como as relações matrimoniais e a criação das crianças mudaram com o tempo na América do Norte. Buscando isso, eles descobriram que as melhores fontes históricas para esse tema eram

manuais de aconselhamento escritos para norte-americanos de classe média. Eles perceberam que esses textos falavam muito sobre como gerir as emoções. De fato, os padrões de lugar, tempo e expressão das emoções muitas vezes serviram de guia para os próprios aconselhamentos. Foi a partir desta percepção que, imagino eu, eles começaram a elaborar a teoria e as técnicas da emocionologia.

Apesar de nem toda época ou cultura ter ou ter tido manuais de aconselhamento, a emocionologia ainda pode ser útil para tratar de outras questões. Imagine que você está interessado no comportamento dos presidentes brasileiros e em como esses mesmos comportamentos mudaram ao longo do tempo. É claro que você, primeiramente, irá querer tomar conhecimento de alguns fatos fundamentais: quantos presidentes existiram? Eles eram jovens ou idosos quando assumiram o cargo? De quais grupos eles eram partidários? Quanto tempo eles permaneceram no cargo? Como as respostas a essas questões mudaram com o tempo? Se você tiver sorte, outros historiadores já terão estudado essas questões. Se for esse o caso, você poderá adicionar suas próprias questões a respeito do comportamento emocional de, digamos, Floriano Peixoto quando comparado ao de Prudente de Moraes. Eles expressaram ambição? Simpatia pelas massas? Quais emocionologias poderiam explicar suas diferenças? Por exemplo, o comportamento emocional de Floriano Peixoto corresponde à emocionologia (ou seja, aos padrões emocionais) de seus manuais militares? Por outro lado, teria Prudente de Moraes seguido outros padrões emocionais, talvez vindos de sua profissão como advogado?

Imagine ainda que você esteja interessado nas noções de maternidade existentes no Brasil entre os séculos XVI e XX. Você irá, evidentemente, buscar conhecer as mudanças nas taxas de nascimento, nas idades das mães, na incidência da mortalidade infantil, na importância da amamentação. Mas, mais uma vez, outros já podem ter realizado esse trabalho. Indo além deles, então, você buscará responder algumas questões: esperava-se que as novas mães ficassem felizes? Tristes? Elas ensinavam seus filhos a controlar a raiva? Para responder essas e outras questões, você provavelmente irá querer empregar uma grande variedade de fontes. Algumas possibilidades seriam roupas infantis, manuais sobre a maternidade e ensinamentos religiosos sobre a maternidade. Quais emoções eram consideradas “maternais”? Elas mudaram com o tempo? Elas eram encorajadas, criticadas, admiradas ou objeto de

piadas? A maternidade era um tema tratado na poesia e na ficção? Seria ela tratada em leis ou regulamentações normativas. Quais emoções diretamente relacionadas às mães eram valorizadas e como essas valorizações apareciam [*reflected*] na emocionologia da época?

Contudo, seguindo William Reddy, muitos historiadores das emoções se tornaram menos interessados nos padrões em si do que nos modos pelos quais eles são impostos e experimentados (REDDY, 2001). Reddy enxerga a emoção como sendo política. Mesmo assim, parece provável que ele não tenha iniciado seu trabalho buscando escrever uma história das emoções políticas. Mais provável é que ele tenha primeiramente se perguntado: quais são os elementos de controle social exercidos pelos regimes políticos? Foi somente quando ele estudou essa questão que ele concluiu que regimes políticos controlam, ou tentam controlar, nossos aspectos mais íntimos, nossos sentimentos. Para esse autor, a Revolução Francesa ocorreu não por causa (ou pelo menos não *apenas* por causa) dos altos tributos ou da ascensão das classes burguesas ou da racionalidade do Iluminismo. Ela aconteceu, pois o povo procurou um alívio para a cultura de corte altamente não emotiva dos tempos da monarquia de Luís XIV e seus sucessores (Reddy chama isso de “regime emocional”) e buscou esse alívio em grupos sociais (Reddy os chama de “refúgios emocionais”) que eram – em contraste com a corte – emotivamente altamente efusivos. Esses refúgios incluíam romances literários, salões e teatros. A revolta dos franceses contra a monarquia adotou as normas emocionais dos refúgios e, assim, lançou um novo e exuberante regime emocional. Esse, por sua vez, tornou-se repressivo à sua própria maneira.

O ponto principal aqui é menos o argumento do livro de Reddy do que o fato de seu *método* (a análise dos modos pelos quais – todos os regimes políticos – administram as emoções das pessoas) poder ser aplicado a situações históricas *distintas* da Revolução Francesa. Considere as normas emocionais, por exemplo, dos Abássidas da época de Harun al-Rashid, ou dos carolíngios por volta do mesmo período, ou, mais adiante, dos Otomanos sob o comando de Mehmed II, ou do Nazismo sob Hitler, ou da Igreja Católica Irlandesa nos anos 1950, ou das ditaduras militares e dos processos de redemocratização na América Latina durante a segunda metade do século XX. Quais eram as normas emocionais desses regimes? Como elas se comparam com as normas emocionais dos “refúgios”. Estudar esses assuntos levará você a observar, por exemplo,

as obras escritas pelos clérigos carolíngios (como testemunho do regime emotivo) e aquelas associadas aos rebeldes saxões (como testemunho do refúgio emotivo). Ou, para dar outro exemplo quais emoções Floriano Peixoto tentou fazer com que os brasileiros aderissem (para isso você iria, sem dúvida, estudar sua documentação presidencial)? Quais emoções aqueles que se rebelaram contra seu governo, como os partidários da Revolta da Armada, tentaram estabelecer como norma?

Aquilo que Reddy chama de “regimes” e “refúgios” emocionais eu chamo de “comunidades emocionais”. Neste caso, diferentemente dos anteriores, eu posso afirmar que eu, de fato, visava uma história das emoções quando escrevi meu primeiro livro sobre o tema (ROSENWEIN, 2006). O motivo disso tinha relação com o estatuto peculiar da história medieval, meu de especialização. As emoções daquele período eram consideradas como parte daquilo que era tido como sendo o impulsivo, violento e não civilizado “Período Obscuro”. Enquanto essa era uma concepção comum, ainda que tácita, antes dos anos 1970, ela ganhou lastro teórico com o sociólogo Norbert Elias a partir de então. Em um trabalho denso, dividido em dois volumes a respeito do “processo civilizador”, publicado em alemão em 1939, mas influente somente a partir de suas traduções em inglês e em francês nos anos 1970 e em português não antes de 1990 (a partir de uma tradução da edição em inglês), Elias defendeu que, sob a influência do estado absolutista e de suas severas restrições, à vida emocional incontida e crua dos europeus passou a ser controlada e se tornou “civilizada” – a vida emocional como a conhecemos hoje (ELIAS, 1990). É interessante notar que aquilo que para Elias era um agente civilizador – nomeadamente, a corte absolutista – se tornou para Reddy uma regime repressivo. Contudo, eu considero que os dois autores se aproximam na pouca atenção que prestam ao período medieval. Eventualmente, Reddy aplicou sua abordagem também ao medievo (REDDY, 2012). Embora ele não mais tenha empregado as noções de “regime” e “refúgio” naquele estudo, é bastante claro que para ele a Igreja medieval constituía o regime e que os trovadores compunham o refúgio. Os trovadores encontraram um caminho para contornar as restrições do clero e para criar a ideia do amor romântico.

Enquanto Reddy coloca regime e refúgio em lados opostos, eu penso que ambos merecem ser explorados por aquilo que eles podem nos revelar sobre as diferentes formas de vida emocional que coexistiram em um mesmo momento. Reddy se

concentra na repressão emotiva dos regimes que ele estuda e na exuberância dos refúgios. Em contraste, eu me interessei pela variedade de emoções que eram reconhecidas expressadas, valorizadas, desvalorizadas, empregadas politicamente etc. pelas diferentes comunidades emocionais que eu estudo (ROSENWEIN, 2016).

Para estudar uma comunidade emocional é necessário escolher uma comunidade (e justificar a relevância histórica dessa escolha). Em seguida, faça uma lista das emoções que aquela comunidade expressou. Como você pode descobri-las? A resposta *errada* para esta questão é: procurando por termos que nós, hoje em dia, consideramos como emoções. Muitas vezes as emoções são encontradas em palavras, experiências, virtudes e vícios conectados com o coração, por isso comece por eles. Por exemplo, quando eu vi a frase “coração pesado” (que foi continuamente empregada em cartas da família Paston no século XV), eu listei “pesado” como uma de suas emoções (contextualmente, a palavra significava aquilo que *nós* entendemos por “triste”) (ROSENWEIN, 2016, n. 10, capítulo 6).

Mas algumas comunidades emocionais *não* associam emoções ao coração, ou pelo menos não todas as emoções que elas conhecem. Retirando suas informações de *DongUiBoGam*, tratado coreano muito influente do século XVII, Ye-Seul Lee e seus colegas descobriram que emoções diferentes estavam ligadas a diferentes órgãos do corpo e que muitas emoções estavam relacionadas com *mais* de um órgão. Assim, enquanto “felicidade” era sentida no coração, “o fígado comandava a raiva... {e muita} raiva prejudica o fígado”¹. A “surpresa”, contudo, estava situada na vesícula biliar e no coração. Se essas emoções, pelo menos na tradução, são conhecidas pelos psicólogos ocidentais,

o *DongUiBoGam* também reconhecia como sendo uma emoção a “consideração” [thoughtfulness], ou “estar cheio de pensamentos”, em associação com o baço (LEE, Ye-Seul et al., 2017).

Todas essas listas devem surgir das fontes primárias. Junte-as, leia-as, torne-se sensível a suas nuances e ao contexto em que elas estão escritas. Tente não impor ideias preconcebidas sobre quais emoções estão presentes nelas. Ye-Seul Lee e seus colegas tiveram a sorte de dispor de um texto teórico que identificou uma palavra correspondendo a “emoções” (*qi*) e que discutia seus vários tipos². Nem todos os pesquisadores têm tanta sorte. As cartas da família Paston parecem, para alguns

leitores, inteiramente não emotivas. Eu senti como se tivesse “decifrado o código” quando compreendi que eles usavam um vocabulário emocional peculiar e bastante idiossincrático (tal como “pesado”) para expressar emoções.

Tendo em mãos o vocabulário e talvez seus correlatos corporais (corar, suspirar) e, se possível, uma teoria das emoções apropriada a sua comunidade emocional (como a oferecida pelo *DongUiBoGam*), pergunte-se: quais emoções esse grupo mais valoriza? Quais ele evita? Como ele as expressa? E depois siga se perguntando: a quais propósitos essas emoções servem? Elas unem ou separam diferentes comunidades? Elas impõem imperativos morais? Elas realizam algum objetivo ou objetivos maiores? Quão “natural” se pensava que elas eram?

Palavras emotivas isoladas não bastam. Emoções muitas vezes aparecem em grupos e em sequências. As pessoas não estão simplesmente com “raiva”, mas com raiva e tristes (como era dito em Occitano Antigo pelo substantivo *ira*, que poderia significar ambos os significados ou um ou outro, dependendo do contexto). Sentimentos complexos podem acontecer de modo sequencial, como se estivessem seguindo um roteiro. Observando certas narrativas políticas dos séculos XI e XII, Stephen D. White percebeu que a raiva era expressada como parte de uma sequência composta por outras emoções (WHITE, 1998). Por isso, observe o contexto como um todo. Uma criança pequena primeiro se surpreende, depois se enraivece para finalmente superar, com lágrimas, a perda de um pirulito.

Há ainda muitas outras questões que você pode fazer a partir de sua comunidade emocional. Por exemplo: como ela se compara a outras comunidades emocionais de seu tempo? Em qual medida era possível um indivíduo de uma comunidade mudar para outra próxima ou mesmo distante e com quanta frequência isso acontecia? Pense, digamos, em como os cristãos, que se instalaram no território da Andaluzia, se adaptaram às comunidades que ali encontraram; e reciprocamente, como os andaluzes se ajustaram emocionalmente à presença de novos colonos vindos do norte. Isso se relaciona à outra questão: como certa comunidade emocional muda ou se adapta ao longo do tempo (ou ela se mantém estável)?

A ideia das comunidades emocionais assumidamente assenta sobre o escrutínio de diferentes textos juntos e foi criticada por sua ênfase nas palavras. Afinal de contas, as pessoas gesticulam, pulam para cima e para baixo, cruzam os dedos e, dessa maneira,

expressam sentimentos sem dizer nada. O significado dos *emoticons* (ou *emojis*) depende dos gestos. Monique Scheer defende que os *emoticons* não apenas são expressados a partir de tais práticas, como também deles são extraídos (seu mais recente livro é: Scheer, 2020).

A abordagem de Scheer não é tanto uma *alternativa* a outras como ela é um complemento necessário em muitos sentidos. Por que é necessário? Pois ele provoca o aparecimento de fatos emocionais que não são revelados por outras técnicas. Quando, em 8 de Julho de 2014, a seleção brasileira de futebol perdeu para os alemães (pelo elástico placar de 7 a 1) jogando em casa durante a Copa do Mundo, poucos brasileiros apenas exclamaram “poxa, que triste” e seguiram em frente com suas vidas. Na televisão, telespectadores viram muitos jogadores brasileiros se jogarem no chão, colocarem suas mãos nos rostos ou chorarem nos ombros uns dos outros. O sentimento coletivo foi resumido pelo gesto de David Luiz, capitão da seleção: ora ele passava a mão no rosto cheio de lágrimas, ora mostrava seus olhos vermelhos. Em certo momento pediu “desculpas a todos os brasileiros”. Seus gestos, contudo, falaram mais do que suas palavras.

O argumento de Scheer é que as práticas corporais formam sua própria e poderosa rede comunicativa. “Se pensarmos as emoções não como algo que nós temos, mas como algo que nós fazemos, então nós poderemos examiná-las do mesmo modo pelo qual examinamos outros tipos de comportamentos moldados culturalmente e que servem para comunicar, interagir e se relacionar com outras pessoas ou coisas.” Seu entendimento das emoções rejeita o “subjetivismo, ou o primado da interioridade” (Scheer, 2020, p. 19). Essa teoria funciona bem quando os pesquisadores podem observar os gestos em ação. Seria interessante perguntar, caso existam imagens de televisão disponíveis, como os gestos empregados pelos torcedores e pelos jogadores depois de uma derrota de um time no campeonato *World Series* de *baseball* poderiam ser comparados com a gestualidade da derrota da seleção brasileira de futebol. Ou ainda: os gestos da derrota são os mesmos para times femininos e suas torcidas?

O próprio trabalho desenvolvido por Scheer esteve centrado em práticas que expressam e reforçam as emoções das religiões, em particular as formas carismáticas do protestantismo. Mas seus métodos podem ser estendidos a multidões em manifestações, partidários em comícios políticos e até mesmo a gestos de

encorajamento mútuo entre maridos e esposas.

Atualmente, emocionologia, regimes emocionais, comunidades emocionais e práticas emocionais são as principais teorias nas quais as técnicas de pesquisa sobre emoções têm se fundado³. Mas existem muitas outras. Entre elas há duas que eu já utilize e gostaria de mencionar brevemente aqui. Eu as elaborei, pois a natureza do tema parecia delas necessitar. Assim (e esse é meu ponto principal), o objeto que você quer investigar e as fontes de que você dispõe devem ser as principais determinantes da abordagem que você irá empregar.

Quando eu quis compreender a história da raiva, eu percebi o quanto ela estava alinhada, em cada caso, com uma postura moral: a total desaprovação da raiva, a aprovação sob certas circunstâncias, a aprovação geral como um modo de auto-expressão e um modo de exercício de poder (ROSENWEIN, 2020). Se cada *caso* trouxe à tona *questões* associadas à emocionologia, aos regimes emocionais, às comunidades emocionais e às práticas emocionais, mesmo assim a *história* desses casos não poderia ser compreendida dentro dessas rubricas. Mais exatamente, como eu descobri, a história da raiva se encontrava nas idas e vindas (e, em alguma medida, na coexistência) de várias posturas morais.

Assim Hieronymus Bosch (morto em 1516) representou a raiva em sua pintura sobre os *Sete Pecados Capitais*.

IMAGEM 1 - OS SETE PECADOS CAPITAIS - HIERONYMUS BOSCH



Copyright ©Museo Nacional del Prado

Disponível em: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/table-of-the-seven-deadly-sins/3fc0a84e-d77d-4217-b960-8a34b8873b7>

Acessados em 28/03/2023.

Na imagem 1 a raiva é claramente condenada como sendo um dos sete pecados capitais. Bosch a retrata como um homem violento com expressão ameaçadora que está sendo contido por uma mulher, provavelmente sua esposa (Imagem 2). Note, na imagem 2, que os gestos das pessoas presentes na pintura, embora não sejam espontâneos, provavelmente retratam com precisão as práticas emocionais que eram comuns em uma comunidade aldeã holandesa dos tempos de Bosch⁴.

IMAGEM 2 - DETALHE DE OS SETE PECADOS CAPITAIS - HIERONYMUS

BOSCH



Copyright ©Museo Nacional del Prado

Disponível em: <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/table-of-the-seven-deadly-sins/3fc0a84e-d77d-4217-b960-8a34b8873b70>

Acessados em 28/03/2023.

A raiva também era, contudo, uma virtude na mesma cultura cristã na qual Bosch atuava, como podemos observar em diversas imagens da justa ira de Deus. Assim, nós podemos falar de uma comunidade emocional que possuía duas percepções morais opostas da raiva. Ambas as percepções eram normativas no seio da comunidade emocional da Igreja medieval.

Meu livro sobre o amor necessitava, por sua vez, de outra abordagem, pois o amor significa *muitas* coisas ao mesmo tempo (ROSENWEIN, 2021). Foi somente quando eu lutei com este tópico que eu tomei consciência do significado não reconhecido do experimento de Ekman e Friesen. Eles foram para Papua-Nova Guiné com fotografias que mostravam rostos posando com expressões que os cientistas consideravam assinalar as emoções básicas universais. Pediu-se aos Fore, população para quem eles mostraram as fotografias, que identificassem as emoções nos rostos. Inicialmente, eles ficaram completamente confusos. Somente quando os pesquisadores mostraram cada fotografia acompanhada de uma história os Fore enxergaram a emoção na imagem. Por exemplo, para o rosto que deveria expressar alegria, os pesquisadores

inventaram essa história: “Os amigos dele/dela chegaram e ele/ela está alegre.” A emoção estava, então, na narrativa e não no rosto! Essa, evidentemente, não foi a conclusão dos pesquisadores.

As narrativas, eu concluí, são os meios pelos quais nós compreendemos e damos sentido às emoções complexas. Nós damos nomes simples para essas emoções (raiva, tristeza, amor), mas, na verdade, elas não fazem sentido algum a não ser que elas façam parte de uma história. Parte dessas histórias, ou *memes* ou narrativas ou fantasias (seja lá como você quiser nomeá-las) são de duração muito longa. Pense na fantasia de que o amor nos tira de nós mesmos e da banalidade do mundo. A ideia foi capturada de maneira extasiante no quadro “O aniversário” de Chagall, pintado em 1915⁵. Ela possui, entretanto, uma história bastante longa, remontando pelo menos a *O Banquete* de Platão, onde Sócrates descreveu como a alma apaixonada se eleva cada vez mais alto. Iniciando pelos amantes humanos, mas indo além deles chegando às ideias, às formas e, finalmente à própria beleza que habita entre os deuses. A “ascensão do amor” foi retomada por pensadores neoplatônicos e cristãos e a ideia permanece até hoje, como na música *Higher and Higher* de Jackie Wilson⁶. Sem dúvida o contexto é completamente diferente (Platão escrevia para filósofos da Atenas do século IV; cristãos medievais pensavam em uma ascensão mística a Deus; Jackie Wilson falava do êxtase romântico). O cerne da narrativa, contudo, permanece: o sentimento de estar no topo do mundo.

Compare essa narrativa com a história que fundamenta o amor de Carrie Jenkins por seu marido e também por seu namorado. Ela o chama de poliamor (*polyamory*) (JENKINS, 2022). Esse também possui uma longa história, remontando à Grécia Antiga e se estendendo à Idade Média e além. Compare, ainda, a primeira narrativa com o amor sentido como sofrimento: a dor do amor e a ausência do ser amado. O amor como sofrimento foi dominante em músicas cantadas ao longo do século XX (e início do XXI) em diferentes estilos musicais brasileiros como samba (“O dono da dor”), baião (“Sanfona Sentida), sertanejo (“Meu Cupido é Gari”), e bossa nova (“Luiza”)⁷.

*

Em resumo, quando você quiser realizar um estudo de história das emoções você deve, é claro, possuir conhecimento das principais abordagens que já obtiveram algum sucesso no campo. Você deve saber aplicá-las. Mas você deve também reconhecer que as emoções são excepcionalmente complexas e podem nos confundir. Elas possuem usos políticos, morais, expressivos e sociais, entre outros. Quando você pensar em como gostaria de estudar a história das emoções, permaneça aberto para muitas possibilidades e, ao mesmo tempo, permaneça fiel a suas fontes e objetivos.

Referências

- BARRETT, Lisa Feldman; RUSSELL, James A. (orgs.). **The Psychological Construction of Emotion**. New York: Guilford Press, 2015.
- EKMAN, Paul; FRIESEN, Wallace. Constants across Cultures in the Face and Emotion. **Journal of Personality and Social Psychology**, 17 (2), 1971, p.124-29.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, 2v..
- JENKINS, Carrie. **Sad Love: Romance and the Search for Meaning**. Cambridge: Polity Press, 2022.
- LEE, Ye-Seul et al.. Understanding Mind-Body Interaction from the Perspective of East Asian Medicine. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, vol. 2017, 2017, Article ID, 7618419. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2017/7618419>. Acessado em 29/03/2023.
- LEYS, Ruth. **The Ascent of Affect: Genealogy and Critique**. Chicago: University of Chicago Press, 2017.
- MATSUMOTO, David; HWANG, Hyi Sung. Reading Facial Expressions of Emotion. **Psychological Science Agenda**, May, 2011. Disponível em: <https://www.apa.org/science/about/psa/2011/05/facial-expressions>. Acessado em 29/03/2023.
- REDDY, William M. **The Making of Romantic Love: Longing and Sexuality in Europe, South Asia, and Japan, 900-1200 CE**. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

- REDDY, William M. **The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- ROSENWEIN, Barbara H. **Anger: the conflicted history of an emotion.** New Haven: Yale University Press, 2020.
- ROSENWEIN, Barbara H. **Emotional Communities in the Early Middle Ages.** Ithaca: Cornell University Press, 2006.
- ROSENWEIN, Barbara H. **Generations of feeling: a history of emotions, 600-1700.** Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- ROSENWEIN, Barbara H. **Love: a history in five fantasies.** Cambridge/Medford: Polity Press, 2021.
- ROSENWEIN, Barbara H.; CRISTIANI, Riccardo. **What is the History of Emotions?** Cambridge: Polity, 2018.
- SCHEER, Monique. **Enthusiasm: Emotional Practices of Conviction in Modern Germany.** Oxford: Oxford University Press, 2020.
- SILVER, Larry. **Peasant Scenes and Landscapes: The Rise of Pictorial Genres in the Antwerp Art Market.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.
- STEARNS, Peter N.; STEARNS, Carol Z.. Emotionology: Clarifying the History of Emotions and Emotional Standards. **American Historical Review**, 90 (4), 1985, p. 813-36.
- VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental.** Séculos VIII a XIII. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- WHITE, Stephen D.. The Politics of Anger. In: ROSENWEIN, Barbara H. (org.) **Anger's Past: The Social Uses of an Emotion in the Middle Ages.** Ithaca: Cornell University Press, 1998.

¹ A expressão “{e muita}” foi introduzida pela autora do artigo. N.T..

² Mais precisamente: “*certain movements of qi can be recognized as specific categorical emotions*”. LEE, et al., 2017, n. 11.

³ Para outras teorias, veja: ROSENWEIN, Barbara H.; CRISTIANI, Riccardo. **What is the History of Emotions?** Cambridge: Polity, 2018.

⁴ Sobre as origens, no século XVI, dos retratos da vida cotidiana camponesa nas pinturas, incluindo aquelas com temas alegóricos, ver: SILVER, Larry. **Peasant Scenes and Landscapes: The Rise of Pictorial Genres in the Antwerp Art Market.** Philadelphia: University

of Pennsylvania Press, 2006. Em especial o capítulo 6.

⁵ Marc Chagall, *O aniversário*. Disponível em: [https://www.marcchagall.net/the-birthday.jsp#prettyPhoto\[image2\]/0/](https://www.marcchagall.net/the-birthday.jsp#prettyPhoto[image2]/0/). Acessado em 28/03/2023.

⁶ Jackie Wilson, “*(Your Love Keeps Lifting Me) Higher and Higher*”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mzDVaKRApcg>. Acesso em 28/03/2023.

⁷ “O dono da dor”, interpretada por Zeca Pagodinho, disponível em: <https://youtu.be/cLTFRfQULpE>; “Sanfona Sentida”, interpretada por Luiz Gonzaga, disponível em: <https://youtu.be/hDNsJ3jG-q8>; “Meu Cupido é Gari”, interpretada por Marília Mendonça, disponível em: <https://youtu.be/cUsYWdJzmeM>; “Luiza”, interpretada por Antonio Carlos Jobim, disponível em: <https://youtu.be/1WJIIGVBGec>. Acessados em 28/03/2023.